

ESTUDO DA RELAÇÃO DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE COM A EXISTÊNCIA HUMANA

Ângela Maria de Oliveira Resende¹

Luciana de Souza Zumstein²

RESUMO: O ser humano vai se redefinindo ao longo de sua história, alicerçado em relações constantes com o outro, inserido e cerceado por esse mundo, no qual, à medida em que se relaciona, se redescobre e se reorienta na busca por uma completude existencial. Estudar a relação da religiosidade/espiritualidade com a existência humana, através da fenomenologia, permitirá, portanto, uma maior reflexão inerente à própria história desse ser, trazendo um esclarecimento maior sobre como o homem lida com suas indagações e, identificando ao mesmo tempo, como suas relações são afetadas. Para a realização deste trabalho, foram pesquisados artigos nos bancos de dados do Scielo e Pepsic e livros do acervo pessoal. Os resultados apontaram que tais dimensões - religiosa/espiritual - podem ainda, contribuir sobremaneira, para que as escolhas deste homem sejam mais congruentes com aquilo que é importante na sua vida, conforme se dispuser a comungar com estas questões, traçando o seu existir em direção àquilo que verdadeiramente importa e faz sentido. Foi notório perceber que a espiritualidade, por sua vez, permite ao ser humano um mergulho em si mesmo, o que contribui, indubitavelmente, para o trabalho do psicólogo clínico. Não considerar tal aspecto em um processo de terapia, é como desmerecer um fator essencial da existência, justamente aquele que poderá vir a dar luz ao que se encontra sombrio.

Palavras-chave: Religiosidade. Espiritualidade. Existência.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda como temas a religiosidade e a espiritualidade, cuja compreensão e relação encontram relevância não tão significativa dentro da perspectiva psicológica, dando ênfase à fenomenologia como base de estudo para discorrer sobre estes assuntos. Nota-se que os estudos relacionados a essas dimensões da existência humana são de grande importância, visto que todas as pessoas, de alguma forma e em determinado momento da sua história, se deparam com questionamentos e conflitos, que poderão ser ajustados e sustentados pela forma como tais situações são enfrentadas. Como ser humano voltado à busca de uma

¹ Graduanda do curso em Psicologia, Unifucamp, amoresende@yahoo.com.br

² Professora Orientadora em Psicologia, Unifucamp, lucianazumstein@hotmail.com

espiritualidade maior e desde sempre fiel à prática religiosa, este é um tema que está intrínseco em minha busca existencial. Da mesma forma, acredito que seja de interesse de muitas outras pessoas e vá de encontro às expectativas e/ou mesmo curiosidade de outros leitores e pesquisadores: entender como os aspectos da religiosidade/espiritualidade afetam a existência humana.

Impossível que em sua prática clínica, o psicólogo não se veja, por vezes, envolto por questões que permeiam a espiritualidade e, ou mesmo, a religiosidade, o que torna necessária sua dedicação a explorar melhor estes temas. De alguma forma, tanto a experiência de uma quanto a da outra, refletem algo do ser humano; aspectos que muitas vezes, não se definem em palavras, mas em gestos e atitudes concretas daqueles que a vivenciam.

Tendo como objetivo geral avaliar a relação da religiosidade/espiritualidade com a existência humana, esta pesquisa tem como objetivos específicos, refletir sobre a atuação do psicólogo clínico em contextos de religiosidade e espiritualidade; identificar como a religiosidade/espiritualidade afetam as relações humanas e entender como o ser humano lida com suas questões existenciais.

Para conduzir o trabalho, esta pesquisa traz como problema a seguinte pergunta: qual o sentido da religiosidade/espiritualidade para a existência? Já a hipótese a ser avaliada é a de que a religiosidade/espiritualidade afetam de modo significativo a existência humana, podendo ser de interesse para a prática do psicólogo. Ademais, este estudo tem como justificativa pessoal a obtenção de um conhecimento mais profundo sobre o tema, fomentando uma possível correlação da Psicologia com a religiosidade e a espiritualidade. Como justificativa social, interessa buscar em uma perspectiva fenomenológica, uma reflexão inerente à própria história desse ser. Como justificativa científica, intenciona-se contribuir bibliograficamente com os acervos relativos à relação da religiosidade/espiritualidade com a existência humana, uma vez que as pesquisas parecem nunca ser suficientes o bastante para esgotar o tema.

Após o estudo e melhor compreensão de conceitos sobre religiosidade, espiritualidade e existência, dentre outros, no que concerne à Psicologia Existencial-

Humanista, percebe-se que essas questões ainda trazem muitos questionamentos. Daí, a importância em estudá-las dentro de uma perspectiva psicológica, devendo-se considerar o quão valioso será entender a dimensão desta relação entre a religiosidade/espiritualidade e a existência humana. Portanto, todo estudo que possibilite agregar conhecimento, se faz imprescindível às descobertas e florescimento humanos, no intuito de uma maior realização do ser, por meio de um encontro e um encantamento com sua própria existência.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Ribeiro (2015), através da Psicologia busca-se compreender a natureza humana em sua relação com o meio, competindo a ela o estudo dos pensamentos, sentimentos e, ainda, da linguagem. A Psicologia é uma ciência que vai além de questões comportamentais, abrangendo as mais diversas manifestações da alma humana (física, biológica, emocional, social, espiritual e psicológica). Percebe-se um certo distanciamento entre uma ciência que se diz de Deus, conhecida por Religião, e outra, a Psicologia, que se diz do homem. Mas há de se reconhecer que as duas se deram através de acontecimentos e não apenas de ideias.

A principal incumbência da Psicologia é perscrutar o universo da sensibilidade humana, perscrutar o enigma de suas incertezas e não procurar achar esclarecimentos para a angústia humana. A espiritualidade é que coloca ordem e dá sentido ao existir humano, não representando simplesmente, a meta final, o derradeiro ponto. Até mesmo Freud, Perls, Sartre, talvez Einstein e outros considerados ateus, acabaram encontrando neles mesmos, sinais da criação divina, à medida em que prestavam atenção em si mesmos e desconsideravam a existência de Deus (RIBEIRO, 2015).

“Acredita-se que exista, no ser humano, um ‘instinto de procura da divindade’, assim como uma obra de arte não assinada, parece estar, eternamente, à procura de seu realizador” (RIBEIRO, 2015, p. 12). Na antiguidade, os deuses surgiam das necessidades de cada povo, identificando-se dessa forma, com esse mesmo povo. Deuses que se fazem presentes em situações e acontecimentos diversos, em cada

época da história da humanidade e, em cada momento da história singular de cada indivíduo, onde quer que esse se encontre.

Ribeiro (2015), considera que por receio de perder sua cientificidade, a Psicologia não considera Deus como objeto de seus estudos e, sem ter como provar que Ele existe, não o aceita; ao mesmo tempo, porém, não tem como rejeitá-lo, porque pessoas do mundo todo, admitem a ideia de que Deus existe. Se não se pode tocar ou ver, pode-se sentir, perceber a sua presença no meio do povo: em meio a crises, perturbações, outras vezes em meio a alegrias e realizações. Como na escuta apurada que o psicólogo precisa ter, só há de percebê-lo aqueles que o buscam com zelo e têm olhos aguçados para enxergar através da alma.

Na medida em que ajudado pelos outros, encontra-se um sentido para a vida, o incorporando à rotina, há um desenvolvimento da espiritualidade, já que a questão psicológica no ser humano só é desenvolvida desde que haja um acolhimento caloroso por parte do outro. Pelo modo distinto de se elaborar o sentido, seria possível distinguir a vivência da espiritualidade da vivência da religiosidade. Ao mesmo tempo em que elaborar o sentido sem a relação com um ser superior é possível na espiritualidade, na religiosidade, essa trajetória se dá justamente por uma relação com um ser superior, pela fé, pela crença (GIOVANETTI, 2008).

Para Ribeiro (2015, p. 35),

Esse é o Deus da Psicologia, um Deus que transcende as mesquinhas humanas, que está muito além das disputas acadêmicas e que, simplesmente está ali, à espera do Outro. Ele não invade ninguém, nem nada, apenas espera, pacientemente, ser sentido, visto e encontrado, não importa. Ele continua onde está. Só têm medo d'Ele, aqueles que falam d'Ele; os que falam com Ele acabam se tornando bons, cordiais e fiéis amigos.

Kubler-Ross e Kessler (2004), ressaltam que nosso verdadeiro eu, não advém das reações externas. Ricos ou pobres, velhos ou jovens, vitoriosos ou perdedores, dando início ou fim a um relacionamento, somos absolutos, plenos e temos serventia exatamente como somos. Independente se estejamos no começo ou no fim da vida, culminados pela fama ou no abismo do desespero, somos sempre pessoas além das

circunstâncias. Não é a sua doença ou o que você faz, que define você, mas sim, o que você é. Não é o que fazemos, mas sim o que somos, que diz respeito à vida.

“Quando o nosso ser interior se reflete o mais possível no nosso ser exterior, não precisamos nos esconder, ter medo ou nos defender. Descobrimos que somos algo que transcende as nossas circunstâncias” (KUBLER-ROSS; KESSLER, 2004, p. 66-67).

Todas as pessoas têm partes mais sombrias em sua personalidade. Não se trata das grandes qualidades ou dos grandes defeitos, mas daqueles aspectos que frequentemente escondemos de nós mesmos e negamos: o preconceituoso, o discriminador, o que gosta de falar mal dos outros, aquele que se faz de vítima ou de mártir para explorar os outros. Essas são as partes mais cinzentas do nosso eu. É preciso reconhecê-las e admiti-las sem nos culparmos ou censurarmos por elas, pois fazem parte da natureza humana. Insisto no que já foi dito: não podemos trabalhar a negatividade se não admitirmos nossos aspectos sombrios. É só aceitando-os e trabalhando neles que poderemos assumir nosso *eu completo* (KUBLER-ROSS; KESSLER, 2004, p. 62).

Ainda de acordo com Kübler-Ross e Kessler (2004, p. 66), “tentar em todas as circunstâncias descobrir quem somos essencialmente, nos permitirá fazer o trabalho necessário e aprender as lições.”

2.1 - Existência

Feijoo e Protasio (2011), observam que Kierkegaard sugeria uma psicoterapia a partir da constituição do eu, em que seria preciso dedicar-se a auxiliar aquele que vem procurar um encaminhamento para a sua existência, de modo a resgatar o movimento que constitui o seu próprio existir. O que fazer para restaurar esse movimento da existência é a questão.

Para Lousada, Cardoso e Gusmão (2018), pensar no homem dentro de uma Abordagem Fenomenológica Existencial Humanista, é referir-se a esse ser em sua mais completa totalidade, de modo que tudo quanto experiencia durante o seu existir, o faz com todo o seu ser. É uma compreensão de si mesmo como ser responsável pela sua própria existência, à medida em que desperta o desejo de colocar-se frente a frente com o fenômeno existencial. “A existência é a tessitura do ser em sua existencialidade, sempre frente ao nada; aquilo que não é, sendo. O ser e o não ser

são parte de um todo e não ser, é a possibilidade que irradiará as escolhas a partir do projeto de vida formado e em formação” (LOUSADA; CARDOSO; GUSMÃO, 2018, p.2).

Segundo Braga e Farinha (2017, p. 66), “Heidegger (2012) busca compreender o sentido do ser. Ele denomina o modo de ser do homem como Dasein, que significa ser-aí, consistindo nosso modo próprio de ser em tornar-se, vir a ser o que se é, em uma relação íntima com o ser mesmo.” Encontrar sentido na vida parece ser o que persegue esse ser, desde que ele começa a se dar conta de sua trama existencial, ou seja, compreender que está inserido em um lugar onde muitas outras coisas estão acontecendo concomitantemente à sua existência, de modo que em algum momento, todos estes fatos possam se entrelaçar ou não, fazendo ou não sentido, correspondendo ou não àquilo que esse ser anseia no mais íntimo de si (BRAGA; FARINHA, 2017). Certamente, um belo itinerário a ser percorrido diante de tudo o que se apresenta diante dos olhos humanos: expectativas e esperanças, dúvidas e desesperanças, em um contínuo ir e vir.

Para Feijoo e Protasio (2011), da mesma forma como a preocupação de Kierkegaard era que o homem pudesse se perder em relação a si mesmo, o psicólogo clínico existencial precisa manter-se atento àquele que vive angustiado e desesperado frente à inconstância da existência. Nisso constitui-se a análise existencial como uma proposta para a clínica psicológica. O contexto no qual estamos inseridos e no qual cotidianamente nos movemos, agimos e vivemos, é o mundo em que, por vezes estamos satisfeitos, noutras não; o mundo da vida de cada ser. Segundo Lousada, Cardoso e Gusmão (2018, p. 5), “o fenômeno nesse caso é existencial, é para fora, para a vida, para relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo, com outros fenômenos existenciais. É necessária a compreensão da existência enquanto manifestação do ser-no-mundo.” Assim, pelo seu “ser aí” (Dasein), o ser humano se apresenta e se expressa. Afinal, o que é o homem senão um ser em constante relação com tudo o que existe à sua volta?

2.1.1 O ser no mundo

Conforme Braga e Farinha (2017, p. 69), “o sentido do ser se apresenta ao encontrar-se cotidianamente frente a um aí: na circunvisão de um mundo que se apresenta a mim, estou a cada momento dirigindo quem sou em relação com as coisas, com os outros, com os entes em geral.” É desta forma que a vida acontece e a existência se faz, seja em meio aos desconfortos e desafios, seja em meio aos encantos, tudo contribui para o desabrochar do ser humano, como que em um processo natural de crescimento e aprendizagem.

Dasein é a palavra alemã utilizada para denominar ser humano, pressupõe presença que engloba o indivíduo no conjunto, como existente humano. Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade e aponta para a indiferenciação humana: somos no próprio movimento de realização de nossas possibilidades de ser. Ontologicamente o homem se configura como passado, cotidiano, presente e possibilidades futuras e, portanto, como um ser temporal que em essência se mostra como projeto, possibilidade (BRAGA; FARINHA, 2017, p. 66).

De acordo com Braga (2014 *apud* BRAGA; FARINHA, 2017, p. 69), “a psicologia, [...] volta-se aos homens em sua situação concreta de vida, buscando compreender as significações sedimentadas na trama existencial para ampliar as possibilidades de ser a partir da interrogação pelo sentido da experiência.”

Conforme Lousada, Cardoso e Gusmão (2018, p. 6), “o ser-no-mundo escolhe sua possibilidade rodeado pela mundanidade, ou seja, por aquilo que lhe é necessário no momento. Por isso que quando se mostra, se esconde ao mesmo tempo, manifestando o que lhe é próprio para o momento.” Braga e Farinha (2017, p. 69), concluem que “é na totalidade da existência que os dramas humanos se desenrolam e é no permanecer junto ao próprio vivido, [...] que transitamos pelas possibilidades de ser que se abrem no próprio acontecimento do existir.” Isso designa uma realidade que nos distingue e nos insere no contexto da vida, capaz de revelar as nossas fraquezas, mas também, a nossa capacidade de resistir.

Segundo Feijoo e Protasio (2011, p. 77),

a possibilidade é o elemento do qual, a todo momento, sem cessar, nasce a ação do homem em liberdade. A liberdade é, portanto, constitutiva da existência humana e implica a impossibilidade da não escolha e a inevitabilidade de viver as consequências das escolhas tomadas.

2.1.2 A angústia

Para Siman e Rauch (2017, p. 106), “a consciência sobre a própria finitude sempre gerou no homem angústias e reflexões. Este tema, [...] permeia nossa existência desde o momento em que nos deparamos com a realidade daquilo que é inevitável.” Conforme as autoras, os diversos aspectos apresentados sobre o tema, indicam as singularidades dessas questões, considerando a história, as crenças e as possibilidades de cada pessoa. Quando o ser humano se angustia, é porque algo o incomoda, o perturba e rouba a sua paz, fazendo-se necessário um movimento em direção à compreensão do sentido daquilo que se está experienciando naquele momento. É a oportunidade para descobrir outros caminhos, encontrar diferentes perspectivas, abrir-se ao novo, à busca incansável que o ser humano deve perfazer no seu processo de amadurecimento e desenvolvimento (SIMAN; RAUCH, 2017).

De acordo com Lousada, Cardoso e Gusmão (2018, p. 10), “a angústia tem uma luta existencial, e por isso, no momento das escolhas mais cruciais, o medo se apresenta porque, de certa forma, o existir será modificado, e não se encontra caminhos para passar de uma existência à outra.” E, por mais que cada um perceba o mundo de um modo peculiar, em algum momento, acabará por se deparar com uma angústia existencial, nesse movimento ininterrupto da vida, constituindo-se um sentimento que traz à tona emoções e questionamentos diversos; rancores e amargores impregnados de incertezas abafadas pela ilusão da imortalidade. Lampejos de satisfação insistem em permanecer e misturam-se à desolação insuportável das frustrações; as aflições não devem ser vistas separadamente das conquistas humanas. Na verdade, elas contribuem para uma melhor compreensão da existência (TUY, 2009 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

Forghieri (2012, p. 28 *apud* SIMAN, RAUCH, 2017, p. 109), cita que “o mundo não é apenas um conjunto de objetos ou pessoas, existindo por si mesmos, pois cada um deles se torna um determinado objeto ou pessoa em virtude de ter um significado para quem o percebe.” Interpretar esses sentidos e organizá-los como meios facilitadores dessa travessia, pode instaurar um entendimento mais apurado de todas

essas relações que se dão. Experimenta-se a dimensão da liberdade quando ainda se está frente às possibilidades; mas ao fazer uma escolha, passa-se às restrições e condições da realidade. Nesse momento, o indivíduo já se encontra em outro nível da existência: o da ação (ANGERAMI-CAMON 1995 p. 17 *apud* LOUSADA; CARDOSO; GUSMÃO, 2018).

Angerami-Camon (1984, p. 20 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017, p. 110), aponta que “não podemos confinar a compreensão do homem aos seus limites corpóreos. Ele existe numa dimensão irreal, fazendo da sua vida algo que transcende tudo que possa cercear essa possibilidade de realização.” Ampliar a visão a respeito de si mesmo, em uma compreensão mais realista da sua humanidade, possibilitará sair da alienação e se incorporar em uma responsabilidade concreta de tornar a sua vida e a dos outros, algo mais significativo. Dessa forma, essa visão fenomenológica existencial busca a compreensão das experiências humanas em sua totalidade. A existência não é simplesmente um atributo entre outros, mas busca abranger toda a extensão de nossas experiências, uma vez que existimos com todos e em todos os pormenores que fazem parte de nós mesmos - o meio social, o corpo biológico, as interações afetivas estabelecidas, etc. (BRAGA; FARINHA, 2017).

2.1.3 A morte

Para Braga e Farinha (2017, p. 67), “existir é direcionar-se à concreção fática do mundo na realização de possibilidades de ser sem, no entanto, completar-se nelas, já que as possibilidades se rearticulam a cada momento em que sou; e sou, a cada vez, minhas possibilidades de ser.” Assim, segundo as autoras, “considerando desse modo a existência, Heidegger (2012) compreende como elemento determinante do *Dasein* as relações que ele estabelece a cada momento com o mundo em sua trajetória existencial, que apenas se completam com a morte” (BRAGA; FARINHA, 2017, p. 68). A vida nos remete então, à tão temida e comentada morte, representando esta, a certeza maior de todo e qualquer ser humano. A diferença se dará na forma de encará-la e, até mesmo, de se preparar para essa ruptura final, que se apresenta diante da concretude da vida.

Para Yalom (2008, p. 19, *apud* SIMAN, RAUCH, 2017, p. 107), há um emparelhamento entre a vida e a morte; “a morte [...] nos chama o tempo todo, está sempre conosco, arranhando uma porta íntima, sussurrando suavemente, quase inaudível, sob a superfície da consciência.” Carmona, Santos e Fonseca (2011, p. 199, *apud* SIMAN; RAUCH, 2017, p. 107), corroboram ao afirmar que “saber que nos depararemos em algum momento com a morte causa temor e angústia devido ao mistério envolto nessa experiência, de um desconhecido, incognoscível que está por vir.”

Segundo Siman e Rauch (2017), saber que a morte ronda a sua existência é genuíno, no entanto, não se conhece a hora e nem como esse encontro inevitável se dará. E em um desvincular-se desse mundo, desprende-se também de tudo aquilo que tem sustentado o propósito da vida, de modo a interromper um processo. Um ponto de chegada que mesmo sendo algo natural, assusta e traz muitas inquietudes, de forma a deslocar as compreensões. Representa um desaparecer na escuridão, um arrebatamento total de uma existência que até então, mostrava-se palpável. Fantasias caem por terra, impregnadas de incertezas e desilusões diante dessa visita traiçoeira.

Sabe-se que a existência desperta inquietações nos homens, que buscam compreender seus motivos, tentando incessantemente atribuir-lhe um sentido. Diante disso, é possível perceber que o paradoxo da existência, a morte, causa sentimentos contrários, como o medo e a insegurança, pois é algo desconhecido que está relacionado à não-existência (TUY, 2009 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017, p. 107).

A partir da perspectiva de Sartre (2007 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017, p. 116), “[...] a morte seria uma passagem para um absoluto não-humano, o morrer seria viver as possibilidades do não; saber que essa autotranscendência é a vida, vida em morte, seria o marco determinante para o fim da existência.” Tuy (2009, p. 3 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017, p. 116), comenta que “a dor do existir consiste em ver a morte avassalar a existência do não-eu, percebendo que não consigo ensaiar o meu morrer, com a morte do outro, já que é uma das experiências únicas e intransferíveis.”

Finalmente, somos vivos, mas, também, mortais. Vivemos e morreremos, de certo modo, simultaneamente, pois, a cada dia que passa, nossa existência tanto vai se ampliando quanto vai se tornando mais curta. No decorrer de

nosso existir caminhamos, a cada dia, para viver mais plenamente, assim como para morrer mais proximamente (FORGHIERI, 1996 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017, p. 107).

Por fim, através das palavras de Consonni (2014, p. 3 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017, p. 119), pode-se complementar que a morte é “[...] a última experiência, a que dará completude ao indivíduo. Ou seja, quando o indivíduo se torna consciente de sua morte, atribui sentido à sua vida, e ao morrer, completa a sua existência.” O dia, a hora, como se dará, ninguém sabe ou desconfia. Cabe assim, seguir adiante, persistindo em encontrar sentido neste viver, apesar da iminência do morrer.

2.2. Espiritualidade

Teixeira (2008, p. 14), considera que “a espiritualidade não é algo que ocorre além da esfera do humano, mas algo que toca em profundidade sua vida e experiência. [...] Daí se pode falar em experiência espiritual enquanto movimento e busca do sentido radical que habita a realidade.” Para ele, “o cultivo da espiritualidade proporciona sobretudo um toque de humildade e humanização na dinâmica de aproximação e compromisso com os mais pobres: um potente instrumento contra o risco da vontade de poder, da arrogância e do triunfalismo” (TEIXEIRA, 2008, p. 29).

Para Giovanetti (2008), cultivar a espiritualidade é levar a vida seguindo as particularidades do espírito, que tem como intuito principal encontrar o que há de mais profundo. As ressonâncias internas fazem parte da dimensão psicológica e, por sua vez, permitir-se conduzir por elas, é guiar-se por sentimentos e emoções, porém, permitir-se conduzir pelos valores e significados é ser conduzido pela prática da espiritualidade. Ainda segundo o autor, “o termo 'espiritualidade' designa toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração pessoal e à integração com outros homens” (GIOVANETTI, 2008, p. 137). Farris (2008, p. 165), acrescenta que “a espiritualidade é a construção, ou descoberta de significado no meio de relacionamentos, ou interações entre a pessoa, o outro e o mundo.”

Conforme van Balen (2010, p. 32), “espiritualidade tem tudo a ver com o despertar e o transformar da consciência em vista de um estilo de vida inovador e

libertador com boa qualidade.” E segue afirmando: “espiritualidade é vitória sobre medo e acomodação, sobre alienação e isolamento, sobre autoritarismo e insensibilidade, sobre introversão e passividade, sobre pessimismo e hostilidade” (van BALEN, 2010, p. 33). “Espiritualidade não tem tanto a ver com ‘o que’ se crê, mas ‘como’ se crê, na abertura da consciência. Isto é que determina como agir no mundo e interagir com os outros. O que, por sua vez, requer conscientização e socialização” (van BALEN, 2010, p. 33).

Para Valle (2008), a espiritualidade faz-se tão substancial e simples tal qual a necessidade de fomentar a autoconsciência ou manter relações saudáveis com o ser humano. Ela traduz-se, fundamentalmente, em uma busca individual de sentido para o próprio existir e agir. Encontra-se, por isso, junto à motivação profunda que nos leva a crer, lutar, amar. O autor reitera que a espiritualidade está no cerne da realidade de cada um e de cada etapa da vida. O que se é e se vive de verdade, é manifestado por ela. É no conjunto dos acontecimentos temporais e espaciais do viver do homem, que o silêncio reflexivo e a conduta contemplativa - sem os quais não seria possível a espiritualidade - são experimentados. Todo relacionamento é uma fonte importante de vida espiritual, imprescindível para o desenvolvimento do homem como pessoa engrenada no mundo e envolta por uma lucidez do seu papel.

Segundo Murakami e Campos (2012, p. 342), “espiritualidade está relacionada com o transcendente, com questões definitivas sobre o significado e propósito da vida, e com a concepção de que há mais na vida do que aquilo que pode ser visto ou plenamente entendido.” Koenig (2001), conceitua espiritualidade como “uma busca pessoal de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente” (PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007, p. 137). O amor a Deus se traduz naturalmente no amor ao ser humano, estabelecendo condutas em que prevaleçam o respeito, a justiça e a integridade. A maturidade nos relacionamentos é resultado da espiritualidade em nós.

Hycner (1995, p. 88 *apud* PINTO, 2009, p. 79), compreende que “o espiritual propicia um contexto que ajuda a tornar a aparente insignificância de nossas ações

individuais mais significativas. Muitas pessoas procuram a terapia porque sentem que sua vida não tem sentido.”

2.3- Religiosidade

Campelo e Souza (2017, p. 19), consideram que “em Kierkegaard, a compreensão fenomenológica da religião como experiência vivida é questão central em toda a sua obra, cuja questão da fé está envolvida na relação existencial do indivíduo (interioridade) diante de Deus.” Carone e Barone (2001 *apud* PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007), acreditam que a crença religiosa está relacionada à cultura, aos princípios e valores dos quais os clientes se valem para representar os julgamentos e processos de informações. A validação dessas crenças e inclinações perceptivas, possibilita fornecer ordem e entendimento de questões penosas, confusas e impossíveis de se prever.

Para Henning e Moré (2009, p. 86), “além de fazer parte da cultura, a religião é constituída por mitos, rituais e comportamento moral que interpretam o processo cultural, definindo significados de comunidade e influenciando sobre o que pode e não pode ser feito, ou o certo e o errado.” Pinto (2009, p. 73), considera que “os símbolos religiosos evocam sentimentos de reverência e de admiração, além de estarem, em geral, associados a um ritual; na religião, encontramos também sentimentos, atos e experiências humanas em relação ao que se considera sagrado.”

Maciel (2015, p. 147), salienta que “se a religião existe, ela pode ajudar na integração dos dados, pode afinar a capacidade do paciente de entregar-se de forma totalizante a uma existência autêntica e apenas isso.” Para Koenig (2001), “a religião é um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos projetados para auxiliar a proximidade do indivíduo com o sagrado e/ou transcendente” (PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007, p. 137).

Ribeiro (2015), avalia que a vivência religiosa é o que há de mais humano. Entender o ser humano em seu aspecto psicológico e retirar dele a compreensão de seu aspecto espiritual, representaria uma grande falta de compromisso da ciência e/ou academia para com a autenticidade humana, para com o completo existir do homem,

do qual provém toda e qualquer definição. A religião verdadeira é aquela que transforma de modo a construir um jeito novo de viver. Uma religião que não provoca espiritualidade, não promove mudanças na maneira de ser e de encarar as situações. Quando bem vivido, o processo religioso nos conduz a nós mesmos e, não há outra forma de descobrir Deus, senão em nós.

Para Maciel (2015, p. 147),

O terreno onde estão situadas as concepções religiosas é prévio a toda formulação racional e científica e está mais próximo do simbólico. Mas de qualquer modo, faz parte de um núcleo difícil de definir e articular. [...] faz parte daquela experiência prévia em que se encaixam todas as outras, que tem valência de horizonte de totalidade, pressuposto para a organização dos dados da experiência em sua situação de dados, ao contrário de dispersão na fragmentariedade.

Murakami e Campos (2012, p. 342), compreendem que “religiosidade envolve um sistema de culto e doutrina e, portanto, tem características comportamentais, sociais, doutrinárias e valorais específicas, representando uma dimensão social e cultural da experiência humana.” Para Pinto (2009, p. 74), “a religiosidade pode ser consoante com a espiritualidade e constituir possibilidade de busca de sentido e de aprofundamento em si e no mundo, mas pode ser também fonte de alienação, de fuga do espiritual, de superficialidade existencial.”

Segundo Amatuzzi (1999 *apud* HENNING; MORÉ, 2009), a despeito do credo da pessoa, deve-se considerar o fato de a experiência religiosa gerar consequências na maneira como ela vive, estando relacionada ao maior desapego das coisas, à conquista de um maior senso de fraternidade, com dedicação na resolução dos problemas humanos, além de uma sensação de alegria mais acentuada. Pinto (2009, p. 74-75), pondera que “dependendo da maneira como é vivida, a religiosidade pode encobrir a espiritualidade, pode até sufocá-la, como é o caso dos idólatras, dos fanáticos religiosos, das pessoas supostamente ingênuas que não conseguem sequer criticar sua religião.” Várias são as religiões: escolher aquela com a qual mais se identifica é de fundamental importância para um culto saudável e significativo para esse ser que busca para si, apoio e identificação. A oração permite acessar o Deus que habita o ser humano e revelá-lo nos aspectos diversos da existência.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica na qual foram utilizados artigos científicos que vão de encontro ao tema proposto. Destacou-se a existência humana, dando ênfase à fenomenologia como base de estudo para discorrer sobre o assunto. Ademais, buscou-se conhecer a relação da religiosidade e espiritualidade com a existência.

De acordo com Lima e Mioto (2007, *apud* PIZZANI *et al.*, 2012), a pesquisa bibliográfica é uma parte indispensável antes da construção ou elaboração de um estudo, artigo, tese ou dissertação. Quando bem realizada, ela é capaz de proporcionar as suposições de hipóteses ou interpretações que servirão como ponto de partida para outros estudos.

Para a elaboração da mesma, foram consultados artigos através do Google Acadêmico, por intermédio de bancos de dados como Scielo, Pepsic e, ainda, livros do acervo pessoal. O período de realização desta pesquisa deu-se entre agosto de 2020 e junho de 2021. Como critérios de inclusão foram elaboradas matérias relacionadas ao assunto e tema principal da pesquisa, aos objetivos específicos, assim como às palavras-chave: religiosidade, espiritualidade e existência, sendo suprimidos aqueles artigos que não se relacionassem à proposta do trabalho.

As informações foram todas colhidas mediante a leitura de artigos, livros e periódicos, fazendo uso de um “checklist”, através do qual buscou-se filtrar temas como título do artigo, ano, resultados e discussões, objetivos, com os quais fosse possível uma conexão com a proposição desta pesquisa. Utilizou-se ainda, o procedimento qualitativo de análise, que indica um aprimoramento maior em relação ao tema tratado, obtendo-se uma interpretação e compreensão claras, por meio das leituras realizadas durante o desenvolvimento deste estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como afirmam Lousada, Cardoso e Gusmão (2018), enquanto se aperfeiçoa, o ser humano usa todas as suas possibilidades, priorizando algo aqui, dispondo de outras coisas ali e, nesse intervalo, traz à existência a sua essência, “que não se

realiza antes de ele ter levado a termo todas as possibilidades de exploração proveniente de seu futuro e antes de ele ter deixado desabrochar os âmbitos do mundo que aparecem na luz de sua existência” (BOSS, 1975, p. 40 *apud* LOUSADA; CARDOSO; GUSMÃO, 2018, p. 11).

Kubler-Ross e Kessler (2004, p. 56), levam-nos a refletir: “será que é somente no início e no fim da vida que somos capazes de ver quem realmente somos? Só as circunstâncias extremas revelam essa verdade? No decorrer da vida somos cegos ao nosso eu mais autêntico?” E continuam a discorrer: “esta é a principal lição da vida: *descobrir o nosso eu autêntico e enxergar a autenticidade nos outros*” (KUBLER-ROSS; KESSLER, 2004, p. 56). Muitas vezes, será preciso que o sujeito permita-se vir para o aqui e agora de sua existência, deixando a própria história como pano de fundo, em que possa reestruturar a dinâmica da sua vida, como em uma tomada de consciência de si e do outro.

Conforme nos diz van Balen (2010, p. 32), “religião é caminho, espiritualidade é caminhada. Religião há de ampliar e aprofundar a consciência no exercício da vida com suas relações na união com Deus.” E completa: “religião há de dar sentido à vida, como sistema de verdades, ritos e normas e valores, porém, não faz ninguém, automaticamente, mais espiritualizado” (van BALEN, 2010, p. 32). Assim, permitir pela experiência religiosa/espiritual, identificar na singularidade de cada ser, os meios de que dispõe para enfrentar as dificuldades, entendendo que os dissabores fazem parte da vida, deve ser considerado aspecto relevante de um processo psicoterápico.

Teixeira (2008), nos diz que no itinerário de muitos daqueles que procuram pela espiritualidade, encontra-se o abandonar certo modo de perceber a vida e a busca por uma outra trajetória, que permita um olhar diferente sobre todas as coisas. Quem sabe até mesmo poder contar com algo que possibilite encontrar sentido mesmo no sofrimento, afinal, sendo ele intrínseco à condição humana, não precisa e nem deve ser eliminado, mas simplesmente cuidado. Nesse aspecto, a religiosidade e/ou espiritualidade do sujeito podem oferecer um respaldo substancial, como elementos de sustentação e aceitação. “Se a espiritualidade é parte integrante da personalidade, a religiosidade é parte acessória, embora importante para a maioria das pessoas,

especialmente, mas não unicamente, por ser precioso meio de inserção comunitária e cultural”, relaciona Pinto (2009, p. 72).

Para Ribeiro (2015), há um Deus que se mostra e um homem que procura por Ele durante a trajetória de sua vida, como em um movimento de mão dupla. Assim sendo, a religiosidade e a espiritualidade perpassam o que há de mais sagrado no homem: a sua própria existência. E é nas experiências do seu cotidiano que ele realiza seus projetos e põe à prova as suas convicções. Mesmo que ele não se dê conta, é capaz de realizar grandes feitos e superar obstáculos considerados intransponíveis, sustentado por seus valores, crenças, atitude, fé. O sentido para a existência, portanto, dar-se-à por meio das contribuições da religiosidade e/ou espiritualidade, ou a vida não passará de um completo vazio, sem significação. Preencher essa lacuna e encontrar motivos para reerguer-se na caminhada, em uma luta incessante por conhecer-se e reintegrar-se a cada perda, a cada derrota, mas também, a cada vitória, a cada conquista. Há de existir algo que sustente esse mover-se, esse transformar-se. Sendo o homem um ser biopsicossocial e espiritual, não há como negar, que uma religiosidade saudável assim como a espiritualidade, contribuam de modo singular para a solidez da sua existência.

Peretti e Oliveira (2020) nos falam que a conformidade entre o conhecimento pela fé e o conhecimento pela razão, está fundamentada pela experiência de fé. É inevitável que cada ser humano trilhe o seu caminho para alcançar as respostas fundamentais de sua existência. A maneira de lidar com tais questões deixa transparecer um pouco daquilo que se é, na essência e, ainda, um pouco do que aquela pessoa anseia, seja como um projeto de vida ou meramente como modo de enxergar-se em sua trajetória por esse mundo. O homem nasceu para se relacionar com outras pessoas, para interagir com o meio e com tudo o que existe. Dessa forma, ele não vive sozinho, é um ser único e social, que se orienta para o permanente contato com os outros. Ao mesmo tempo em que oferece de si, recebe do outro, em uma troca contínua de experiências. Pinto (2009, p. 77), propõe que “autoconhecimento, autonomia, autoconfiança e fé só são possíveis e só têm sentido no contínuo contato e na contínua troca com os outros.”

Para Ribeiro (2015, p. 16), “interessa sim, estudar, aprofundar como Deus é vivido, experienciado pela pessoa humana no seu cotidiano, tanto do ponto de vista religioso, quanto do psicológico”. Em um processo de terapia, vai se tornando perceptível o quanto valores e crenças contribuem para o modo de ser desse homem em suas relações e, por vezes, é possível uma compreensão do quanto as dimensões religiosa/espiritual fornecem um caminho mais seguro e reconfortante para aqueles que creem na bondade divina.

Acreditamos, entretanto, de que um psicólogo que acredita em Deus, ou que é religioso, penetrar, mais facilmente, na alma de seus pacientes, sejam eles crentes ou não, porque a expressão do sagrado, da espiritualidade, amplia a percepção sobre o mundo humano e profano, permitindo, ao psicólogo, ver além do tempo e do espaço, a realidade da vida e do outro, ao participar de uma comunidade espiritual que preside a existência, desde tempos imemoriais (RIBEIRO, 2015, p. 34).

Segundo Giovanetti (2008), só está apto a perceber que a vida não é um fechamento em si mesmo, mas sim, uma abertura para o outro, aquele que pratica a dimensão do espírito. Quando “crer” está na essência desse homem, ele permite-se abrir para os acontecimentos, com uma facilidade maior de trabalhar com o imprevisível da existência, no confronto com a realidade. E como que em um processo de tomada de posse do que se é e do que se tem, conectar-se ao outro e ao mundo em um sentimento de ir além, fazendo mais por si e pelas outras pessoas que caminham ao seu lado. Há muito a ser explorado, compreendido e contemplado, com toda força e intensidade de alma, como em um ato de embriagues da própria vida.

Peres, Simão e Nasello (2007, p. 138), consideram que “a religiosidade e a espiritualidade devem ser consideradas pelos terapeutas em suas abordagens, e, mesmo estratégias psicoterápicas que valorizem tais sistemas de crenças, devem ser formuladas e investigadas quanto à eficácia do tratamento.” Quem é esse cliente? O que ele traz? Como enxerga o mundo? De quais aspectos favorecedores de vida ele dispõe? Há nele alguma religiosidade/espiritualidade que contribuam para o seu fortalecimento como ser humano?

Pinto (2009), acredita que a convicção, causa da idolatria, é um veneno potente que prejudica tanto a espiritualidade quanto a religiosidade, limitando-as à falta de ação, submissão obcecada, inércia, causando extremismos e melancolia, alimentando a falta de sentido e a indiferença, fenômenos muito frequentes nos tempos de hoje.

De acordo com Pinto (2009, p. 80),

No campo das psicoterapias, essa distinção entre os dois fenômenos possibilita ao psicoterapeuta um suporte melhor para o diagnóstico de seu cliente, pois, distinguindo com clareza a religiosidade da espiritualidade, o terapeuta, na busca da compreensão de seu cliente, ficará mais atento à maneira como seu cliente está vivendo sua religiosidade, quando ela existe, ou seja, ficará mais atento ao fenômeno mais profundo e mais significativo, a espiritualidade, sem descuidar, é claro, da possível forma de expressão dessa vivência, a religiosidade.

Giovanetti (2008), conclui que o espírito nos deixa experienciar a profundidade, absorver o simbólico e revelar que é o sentido que move a vida, já que só o espírito é capaz de encontrar um sentido para a existência. Certamente, não há uma maneira certa de viver, mas pode haver um modo menos sofrido de encarar a si mesmo e a sua história existencial. Aprender a desfazer-se de bagagens desnecessárias, de pesos descabidos, para dar lugar a condutas que restaurem e revitalizem, em uma busca sincera e coerente que possa ser traduzida naturalmente em atitudes e práticas cotidianas, é imprescindível. Pinto (2009, p. 80-81), diz que “se num processo psicoterapêutico a religiosidade tem que ter vez, voz, espaço, ouvidos, atenção, presença, também – e especialmente – a espiritualidade deve ser acolhida.”

De acordo com Pinto (2009), acolher e auxiliar o ser humano em sua totalidade, mesmo em sua espiritualidade, até o ponto em que ela, a espiritualidade, produza uma conversa suave, respeitosa, sincera e poética com o sentido da existência, é nosso dever, enquanto psicoterapeutas. Neste aspecto, a espiritualidade tem muito a contribuir, uma vez que ela tem a particularidade de vivificar o ser, auxiliando-o na administração de seus conflitos. Isso, de modo a descobrir uma nova forma de ser quem se é e de lidar com situações desafiadoras; uma descoberta que só o “eu” é capaz de fazer. Estar aqui e agora, mas com as experiências que traz, com as adaptações que foram sendo feitas e refeitas ao longo da trajetória, por meio de uma

percepção diferente sobre os acontecimentos que vão se desvelando diante de si. Afinal, é preciso estar consciente de suas dores e conflitos, sem que isso o afaste de suas possibilidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho realizado, compreende-se que a abertura para a religiosidade e, especialmente para a espiritualidade, devem fazer parte da empatia a ser ofertada àquele cliente que de uma forma tão singular, se entrega aos cuidados de um psicoterapeuta. Respeitar a sua inteireza, suas crenças, seus valores, será o começo para o entendimento de seu existir, no sentido de sua relação com esse mundo e da forma como se coloca diante de cada circunstância da vida. A religiosidade/espiritualidade de que ele dispõe, poderão ser instrumentos valiosos na condução de seus enfrentamentos e de sua realidade.

Uma religiosidade e espiritualidade que levem a pessoa a acreditar na vida e vencer com mais facilidade os processos tortuosos da existência, podem ser de grande valia na condução da terapia. Experimentar esse Deus que existe em mim e, ao mesmo tempo no outro, possibilita uma compreensão além do que é “ser” humano, na medida em que transpomos para além do que é visível e compreensível. No entanto, se essa religiosidade tolhe a liberdade do ser, reduzindo-o a uma obediência cega, então ela poderá gerar conflitos ainda maiores.

É imprescindível que a religiosidade do psicoterapeuta não interfira na visão que a religiosidade/espiritualidade do outro lhe imprime. O respeito, nestas questões, é primordial e se faz extremamente importante. Pode-se dizer que um bom profissional, na medida em que contribui para acolher e harmonizar as angústias de seu cliente, na tentativa de auxiliá-lo na lida com suas frustrações, terá encontrado espaço na existência desse ser, promovendo uma maior autoestima, autonomia e autoconfiança salutar.

Atentar-se ao fato de que uma religião que não transforma não leva à espiritualidade, é fundamental. Há de se observar que uma religião assim, terá uma relação insustentável para a existência, ao passo que aquela que conduz a algo maior

e mais profundo, esta sim, nos tornará pessoas mais conscientes de nossas atitudes. E, dessa forma, nesse mergulho em si mesmo, construir-se-à um novo sentido sempre que necessário, denotando o quanto a experiência humana é valiosa nesse processo de inserção no mundo.

Espiritualidade é quando a sustentação de crenças se transforma em um suporte existencial que faz com que o ser humano seja capaz de optar pelo que é bom, verdadeiro e justo, proporcionando encontros férteis. Assim sendo, o lugar de se viver a espiritualidade é na própria existência, de forma que não há sentido uma espiritualidade sem existência e muito menos uma existência sem espiritualidade. Importa ter a percepção e a sensibilidade para distinguir o bem do mal naquilo que integra nossa existência ao mundo da vida, vinculando e identificando cada acontecimento, ao que somos e ao que desejamos ser.

O que para a pessoa tem sentido, é suporte no processo terapêutico e capaz de determinar como ela se posiciona diante de sua própria existência. Portanto, faz-se útil que a religiosidade e a espiritualidade, encontrem espaço entre os profissionais da Psicologia. Possam eles dar-se a oportunidade de expandir seus conhecimentos e permitir-se um olhar curioso sobre o modo como esse cliente se deixa invadir por estas questões. Assim, conclui-se que quando o rito religioso semeia espiritualidade, isso se traduz em uma relação mais harmoniosa e mais intensa consigo mesmo e com o outro.

Encerro, oferecendo aos que amam a Psicologia, um trecho da música Humano Amor de Deus (Pe. Fábio de Melo), sugerindo que a ouçam na íntegra, buscando absorver o sentido da espiritualidade que ela trará para a sua existência: “Tens o dom de ouvir segredos, mesmo se me calo. E se falo, me escutas, queres compreender.”

ABSTRACT: Human beings have been redefining themselves throughout history, based on constant relationships between each other, inserted in and restricted by this world, in which, through relationships, they rediscover and reorient themselves in the search for existential completeness. Therefore, studying the relation between religiosity/spirituality and human existence through phenomenology will allow a greater reflection inherent in the history of these beings, and will bring a greater clarification on how men deal with their questions and, at the same time, will identify how their

relationships are affected. To carry out this work, articles in Scielo and Pepsic databases and books of private collection were searched. The results showed that such dimensions - religious/spiritual - can also widely contribute to make men's choices more congruent with what is important in their lives, as they are willing to talk to these issues, tracing their existence towards what truly matters and makes sense. It was notorious to realize that spirituality, in turn, allows human beings to dive into themselves, which undoubtedly contributes to the work of clinical psychologists. Not considering this aspect in a therapy process is like undermining an essential factor of existence, precisely the one that may enlighten what is unclear.

Keywords: Religiousness. Spirituality. Existence.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 mar. 2021.

CAMPELO, Rosane Delane; SOUZA, José Tadeu Batista de. **A Paixão da fé na filosofia da religião de Soren Kierkegaard**. v. 7., n. 19. Universidade Católica de Pernambuco: 2017.

FARRIS, James Reaves. **Aconselhamento psicológico e espiritualidade**. In: AMATUZZI, M. M. (Org). *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 161-172.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTASIO, Myriam Moreira. Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, p. 72-88, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2021.

GIOVANETTI, José Paulo. **Religião e espiritualidade: um olhar psicológico**. In: AMATUZZI, M. M. (Org). *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 129-145.

HENNING, Martha Caroline; MORÉ, Carmen, L.O.O. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de Estudos da Religião**. Dezembro / 2009 / pp. 84-114. ISSN 1677-122. www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_henning.pdf.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth; KESSLER, David. **Os segredos da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LOUSADA, Euler; CARDOSO, Rogivan; GUSMÃO, Lilian Vanessa Nicácio. A abordagem fenomenológica existencial – Espaço para a vivência do ser. **Rev. Saberes UNIJIPA**, Ji-Paraná, v. 9, n. 2, 2018. Especial 2018 ISSN 2359-3938.

MACIEL, Josemar de Campos. **O indisponível e a Psicologia**. In: HOLANDA, A. F. (Org). *Psicologia, Religiosidade e fenomenologia*. 2.ed. Campinas: Alínea, 2015. p. 133-154.

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 65, n.2, p.361-367. Abril, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PERES, Julio Fernando Prieto; SIMAO, Manoel José Pereira; NASELLO, Antonia Gladys. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Rev. psiquiatr. Clin.**, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 136-145, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PERETTI, Clélia; OLIVEIRA, Janaína Bueno Froes. **Teologia Mística em Edith Stein. Cruz e Noite Símbolos da Experiência Mística.** In: BELLO, Angela Ales *et al.* (org.). *Fenomenologia e experiência religiosa*. Curitiba: Juruá, 2020. p. 63-80.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião.** Dezembro / 2009 / p. 68-83. ISSN 1677-1222 www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Ver. Dig. Bibl. Ci. Inf.** v. 10, n. 1, p. 53-66, Jul/Dez. Campinas – SP, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1986>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Religião e Psicologia.** In: HOLANDA, A. F. (Org). *Psicologia, Religiosidade e fenomenologia*. 2.ed. Campinas: Alínea, 2015. p. 11-36.

SIMAN, Adriana; RAUCH, Carina Siemieniaco. Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Fac. Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2. sem. 2017. Disponível em: <<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

TEIXEIRA, Faustino. **O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa.** In: AMATUZZI, M. M. (Org). *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 13-30.

VALLE, João Edênio dos Reis. **Religião e espiritualidade: um olhar psicológico.** In: AMATUZZI, M. M. (Org). *Psicologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 83-107.

van BALEN, Frei Cláudio. **Transbordar: Espiritualidade da inserção.** 2 ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.